

CULTURA DO INDIVIDUALISMO E NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA: A MEMÓRIA IDENTITÁRIA DE SIMONE DE BEAUVOIR

Eliana Alda de Freitas Calado*

O conhecimento histórico está constantemente sendo revisto e refeito. Suas áreas de interesse, suas fontes, suas metodologias são discutidas incessantemente por seus profissionais, em grande parte, no intuito de definir e de afirmar as especificidades do ofício do historiador, garantindo, a partir da sistematização dos seus fundamentos epistemológicos, a autonomia da disciplina. A reflexão sobre a construção do saber histórico, paradoxalmente, às vezes leva também a compreendê-lo não como um saber independente, mas interligado, construído e determinado por outros saberes, a exemplo da lingüística, da sociologia, da literatura, da filosofia, etc. Ao mesmo tempo em que a história exerce também o papel de construtora e de disciplina determinante destas diferentes áreas (Cf., entre outros, MILLS (1965) e WHITE (1994)).

Não se trata mais de uma busca pela hegemonia de uma disciplina, mas de conseguir uma metodologia de trabalho que aprimore as formas de conhecimento da experiência humana, sabendo utilizar os diferentes caminhos que possam ser úteis, independente do campo de saber em que estejam, de optar por uma forma de conhecimento, que pense junto a estas disciplinas, apropriando-se do que elas têm a contribuir, e não contra as mesmas¹.

Dentro desta discussão, pergunta-se então se a narrativa de uma trajetória individual faz parte do campo de interesse do conhecimento histórico. Nas últimas décadas, é possível dizer que não só o individualismo tem sido objeto de estudo por parte de diversos historiadores como tem sido visto de maneira privilegiada (cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 21; GOMES, 2004, p. 13; SARLO, 2007, p. 21). E, neste processo de valorização da singularidade do sujeito enquanto possibilidade de alargamento e aprofundamento do conhecimento histórico sobre a experiência social do ser humano, as narrativas auto-referenciais começaram a ganhar cada vez mais destaque enquanto espaços de pesquisa.

A escrita de si, relato pessoal e intimista, tem como principal alvo de análise, de investigação, ou até mesmo de especulação o “eu”, o próprio sujeito que narra. Trata-se de

* Doutoranda na área de História Cultural do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade de Brasília.

¹ As reflexões de Manoel Luiz Salgado Guimarães no prefácio do livro de Albuquerque Júnior (2007) são bastante esclarecedoras a este respeito.

uma prática cultural cujo propósito reside na produção de uma memória de si através da escrita. Nela, estão incluídos diferentes gêneros: memórias, auto-retratos, diários, testemunhos, cartas, confissões, lembranças, ensaios, autobiografias, etc.²

Este trabalho tem como principal objetivo efetuar uma reflexão sobre as relações entre história e escrita de si, destacando a prática autobiográfica de Simone de Beauvoir, em relação a três questões principais, centrais na sua obra narrativa: as noções de individualismo, identidade e alteridade³. Busca-se compreender como e por que a autora construiu e registrou sua memória identitária ao longo de seus cinco livros autobiográficos, que concorreram para uma definição de sua singularidade, tornando-a exemplar como sujeito. Falando de si, procurava concomitantemente falar dos outros, uma vez que a narrativa do eu pode ser também um registro de alteridade⁴. A própria Simone de Beauvoir explicita isto no seu quarto livro autobiográfico. Refletindo sobre o seu empreendimento autobiográfico, ela diz tratar-se da “realização de um projeto original, minha vida foi ao mesmo tempo o produto e a expressão do mundo no qual ela se desenvolvia e este foi o motivo pelo qual eu pude, ao contá-la, falar de toda outra coisa do que de mim⁵” (BEAUVOIR, 1972, p. 39 - 40).

Intelectual, feminista, romancista, editora são algumas das possíveis definições atribuídas e auto-atribuídas a Beauvoir, ao longo da sua vida. Sem deixar de considerar estas facetas, é a sua dimensão de autobiógrafa existencialista que será privilegiado neste estudo. Afirmando-se peremptoriamente como representante do existencialismo, na sua obra – ficcional, autobiográfica ou ensaísta - Beauvoir faz o exercício de mostrar na prática, ou seja, através da sua escrita, a compreensão da realidade através desta premissa filosófica: o ser humano é responsável pelas suas decisões. Apesar das contingências e das necessidades, ele é livre para se inventar a partir de determinado contexto, para escolher como agir dentro de limites que escapam à sua vontade.

A linha do pensamento existencialista seguida por Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir estava marcada pela necessidade do compromisso político, um compromisso com a sociedade, com a transformação da realidade social a partir da ação dos indivíduos. O

²Para a conceituação da narrativa auto-referencial, me remeti, principalmente, a LEJEUNE, 2004; MARCOU, 2001; MIRAUX, 2005.

³ Este é o tema da tese que desenvolvo na UnB desde 2007. Como a redação ainda está no início, me proponho, neste momento, a oferecer uma visão geral dos assuntos que aprofundarei ao longo do doutorado.

⁴ A noção de alteridade, neste caso, remete-se antes à reflexão filosófica do que à antropológica, em especial, remete-se ao pensamento existencialista.

⁵ “... accomplissement, d’un projet originel, ma vie a été em même temps le produit et l’expression du monde dans lequel elle se déroulait et c’est pourquoi j’ai pu, en la racontant, parler de toute autre chose que de moi”.

existencialismo é, pois, uma filosofia fruto de uma cultura valorizador da perspectiva do individualismo, pois aposta na responsabilidade individual⁶.

Apesar de, inicialmente, a opção pela escrita autobiográfica ter se mostrado uma resposta ao seu desejo íntimo de ter toda sua vida registrada nos mínimos detalhes (BEAUVOIR, 1999, p. 128), a análise da sua prática autobiográfica, que se estendeu por mais de vinte anos, indica que Beauvoir foi impulsionada a manter sua prática de autobiógrafa por motivações outras. Ela utilizou este espaço para construir sua memória identitária, inventando a si, propondo uma visão de quem ela era, de como se via, buscando legitimar a própria percepção da vida que teve. As autobiografias também foram uma maneira de investigar o Outro, a partir da sua trajetória, como já foi dito. Este Outro corresponde à massa de detratores, que age através da divulgação e do julgamento da vida pessoal e profissional de Beauvoir, manifestando-se, sobretudo, em nome da moral, do conservadorismo, do machismo e também através da crítica literária. Narrando o que ela era e a forma como conduziu sua vida, ela falava simultaneamente do que ela não era, portanto, do Outro, que freqüentemente, não era apenas diferente dela, mas pensava e agia **contra** ela.

Sua narrativa autobiográfica estava igualmente marcada por um compromisso político. A escrita pode ser um instrumento de luta. Apresentando-se ao mundo, Beauvoir responsabilizava-se pelas escolhas que fez ao longo da vida, ao mesmo tempo em que propunha um modo de pensar e de enfrentar a realidade. Quando ela anseia por suspiros de futuros leitores que se extasiariam lendo sua obra, mais do que a eternidade através da palavra, ela buscava ser útil: “é preciso que minha vida sirva! É preciso que na minha vida tudo sirva⁷!” (BEAUVOIR, 1988, p. 251).

As autobiografias constituem espaços de construção textual e de registro de determinada identidade do sujeito e permitem ao autor enunciar a maneira como deseja que os leitores o reconheçam, ainda que esta intenção eventualmente possa mostrar-se radicalmente oposta à maneira como a narrativa foi recepcionada. De todo modo, é possível, através da análise textual e da sua comparação com outras fontes, identificar as motivações do narrador, bem como suas estratégias de convencimento.

São narrativas que foram e ainda são objeto de controvérsia entre diferentes pensadores: mesmo o indivíduo sendo visto como centro de interesse de diferentes áreas, isso não fazia dele, e de narrativas sobre o mesmo, um objeto “sério”, ou melhor, neutro, como

⁶ Cf. o célebre texto de Sartre, no qual ele esboça as principais linhas do pensamento existencialista, **O existencialismo é um humanismo** (1973).

⁷ “Il faut que ma vie serve! Il faut que dans ma vie tout serve!”

deveria ser tudo aquilo que se relacionava à “ciência”, à objetividade perseguida por todas aquelas disciplinas que pretendiam obter este *status*. Durante muito tempo, a escrita de si foi entendida como uma narrativa centrada na vida privada do sujeito e desprovida de qualquer interesse histórico. A autobiografia era um exercício literário simples, já que nem o trabalho da imaginação, ele requeria: tratava-se apenas de uma narrativa descritiva umbiguista (cf. LEJEUNE, 2005). A parcialidade, a propensão ao narcisismo e a falta de interesse público em se relatar uma experiência pessoal foram algumas das acusações que a escrita de si recebeu:

O que ouvimos é que, com toda a sua exibição de fatos, sua jactância de autenticidade, seu alardear de segredos íntimos, não passam de uma simplificação tendenciosa, são construções artificiais, elementos preementes na elaboração de uma imagem pessoal – em suma, não diferem das obras de ficção (GAY, 1999, p. 121).

Essas queixas foram rebatidas pelos seus defensores, inclusive por historiadores, como por exemplo, Ângela de Castro Gomes (2004) e Beatriz Sarlo (2007): a escrita autobiográfica seria então compreendida e apreciada por estes por ser um texto “íntimo”, pois voltado, na maioria das vezes, para as atividades cotidianas dos indivíduos, o que se tornou uma perspectiva muito valorizada nas últimas décadas pela historiografia: fazer uma história do sujeito comum, analisando os feitos do dia-a-dia e não de acontecimentos extraordinários. Este tipo de narrativa poderia oferecer perspectivas variadas de uma vida, sendo, portanto, revelador da ambigüidade dos aspectos único e múltiplo do sujeito. Do mesmo modo, a relação entre micro e macro pode ser muito explorada neste tipo de narrativa: ao se falar do indivíduo, reporta-se à sua dimensão social, coletiva, macro, ao mesmo tempo em que se destacam suas especificidades⁸. Dependendo da maneira como é trabalhado metodologicamente, este estilo de escrita permitiria igualmente a valorização de uma noção de tempo complexa, respeitadora dos diferentes ritmos que regem a vida (biológico, profissional, pessoal, etc.) e inibe, de certo modo, uma perspectiva linear dos acontecimentos⁹. A vida humana seria uma história, digna, portanto, de investigação e de análise histórico-historiográfica tanto quanto um evento político, um sistema econômico, uma cultura regional.

⁸ A questão das relações entre indivíduo e coletividade, da iniciativa pessoal e da necessidade social é situada por Lucien Febvre como o possível problema capital da história e é um dos pontos centrais que ele se propõe a discutir na história de vida de Martin Lutero que escreve (1998 [1927]).

⁹ O tempo nos registros de memória dos indivíduos pode ser, e muitas vezes o foi, explorado de maneira simplista e teleológica, formando assim o que Bourdieu chama de “a ilusão biográfica” (1998); o que alguns historiadores propõem é uma nova abordagem histórica das narrativas auto-referenciais (cf. GOMES, 2004, pp.17-18).

As autobiografias são narrativas que podem ser analisadas por diferentes prismas: obras de interesse público, fonte histórica, estilo literário são alguns deles, assim como sua dimensão individualista. Quando falo de mim, faço-o porque acho que tenho algo a comunicar, porque acredito que minha experiência de algum modo pode ser interessante para a humanidade, porque valorizo a minha trajetória. Rememorando sua adolescência, Beauvoir nos conta seus desejos para o futuro: “meu caminho estava traçado claramente: me aperfeiçoar, me enriquecer, e me expressar numa obra que ajudaria os outros a viver¹⁰.” (1988, p. 265).

Não quero com isto dizer que as narrativas do eu se reduzem à sua dimensão egolátrica, mas que expressam, entre outros aspectos, este lado, o da valorização da subjetividade, da experiência individual, da necessidade de se confessar e/ou de se justificar através da escrita, de “contar para domesticar a irrupção do signo sem significado, da coisa bruta, da materialidade em estado puro, do dilaceramento da realidade sem justificativa” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 34).

Textos autobiográficos são resultado de uma cultura apreciadora das singularidades, de uma cultura na qual cada indivíduo busca se expor e colocar em evidência aquilo que o caracteriza, aquilo que o distingue dos demais, e faz isso numa posição paradoxal, pois se diferencia para ser reconhecido e aceito pelos seus semelhantes. É um sujeito que busca o reconhecimento social da sua individualidade (cf. GOMES, 2004, pp. 10-15.).

É ainda na infância e, principalmente, na adolescência que Beauvoir demonstra o desejo de ter sua vida registrada por seu próprio punho. Deste modo, desde cedo, ela escreve e preserva diários e correspondências, que mais tarde seriam divulgados. Sua experiência literária também não foge ao desejo de registrar sua própria trajetória (cf. BEAUVOIR, 1972, p. 37): é a sua vida que serve de fonte de inspiração para sua escrita, apesar das licenças poéticas que, evidentemente, ela está autorizada a fazer neste espaço.

Beauvoir busca **instituir-se enquanto sujeito**, busca esta que está inserida numa cultura de valorização da singularidade do indivíduo, que remonta à época iluminista (cf. DUMONT, 1985). Seu primeiro livro autobiográfico, **Mémoires d’une jeune fille rangée**¹¹ (**Memórias de uma moça bem comportada**), surge como resposta a este desejo pessoal de Beauvoir de registro e divulgação da sua vida. De todas as suas autobiografias, este é sem dúvida, o livro mais discutido e explorado. É consensual entre seus estudiosos e leitores

¹⁰ “Mon chemin était clairement tracé: me perfectionner, m’enrichir, et m’exprimer dans une oeuvre qui aiderait les autres à vivre”.

¹¹ De agora em diante, as iniciais **MJFR** passam a indicar este livro.

destacá-lo pela qualidade literária, pelo esmero da sua elaboração literal, bastante diferente de boa parte de suas outras autobiografias, construída a partir de uma intenção distinta, na qual Beauvoir optou por uma narrativa mais informativa, centrada nas suas atividades enquanto pessoa pública, como exemplifica bem **Tout compte fait** (O balanço final).

Mas se já tinha preservado outros documentos íntimos como cartas e diários e se já tinha expressado seu modo de ver o mundo e de compreender a realidade através de suas obras literárias, o que leva Beauvoir a optar por uma autobiografia? Qual a importância deste tipo de narrativa para o saber histórico? E para a cultura moderna? E para a sociedade contemporânea?

Ao longo dos seus cinco livros autobiográficos, o desejo de ser conhecida pelos seus contemporâneos, mas sobretudo, o de ser lembrada pelas gerações futuras é uma das principais motivações de Beauvoir, mas não é a única, e está mesmo longe de sê-lo. A intenção inicial da autora era fazer um único volume autobiográfico, num anseio, como já dissemos, de realizar um desejo de juventude, o de guardar a memória da menina e da moça que ela foi um dia. Suas autobiografias são também um ensaio de memória identitária. Nelas, Beauvoir tenta construir e legitimar determinada identidade, construída ao longo de suas páginas. Esta identidade não existe *a priori*, ela é uma escolha do sujeito, condenado a ser livre e a decidir seu destino de acordo com as circunstâncias que a vida lhe reservou.

Beauvoir constrói sua memória identitária seguindo o preceito existencialista de que a existência precede a essência. Sua identidade não a precedia: ao longo de sua vida e da sua narrativa autobiográfica, Beauvoir procurou fazer uma instituição de si. Em meio a tantas acusações diárias: subversiva, subserviente, rancorosa, ególatra, etc., escrever sobre si era uma maneira de dar a sua versão dos fatos, de registrar de seu próprio punho a sua vida, evitando deixar espaço para que outros o fizessem.

Nos livros seguintes à MJFR, a narrativa da sua vida passa a ficar muito entrelaçada à de Sartre, ao ponto de passagens inteiras da narrativa serem dedicadas a ele. As atividades públicas do casal (a escrita, a política, as relações sociais) são descritas exaustivamente. Era como se a identidade de um não pudesse ser entendida senão em relação a do outro. Em alguns momentos, o espaço autobiográfico de Beauvoir passa a ser mais um instrumento de revide aos críticos de Sartre, do que aos dela própria. Ameaçados de morte, perseguidos, criticados pela sua aproximação com o comunismo, pela defesa das idéias socialistas, acusados de colaboração com a Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, uma defesa foi gestada e exposta nas páginas escritas por Beauvoir nesses dois volumes.

Na década de 1970, apesar de manter-se em atividade política, sua vida como escritora, a forma como ela mais gostava de se identificar e de ser identificada, já tinha entrado em declínio, como ela deixa claro no início de **Tout compte fait**. Ela poderia até escrever nos anos que viriam, mas o essencial da sua obra já estava feito. De certo modo, ela tinha se aposentado e não clamava por mais tempo para deixar um legado: ela já havia feito isso, já havia criado a sua obra. No entanto, a decadência física e, finalmente, a morte de Sartre, à qual ela achava que não sobreviveria, tornaram-se motivação para, mais uma vez, ela se empenhar em registrar e em tornar pública a relação que tinham entre si e com a sociedade, o que ela faz em **La cérémonie des adieux**, (**A cerimônia dos adeuses**), lançado um ano depois da morte de Sartre. Autobiografia torna-se então um instrumento de superação do luto, assim como também havia sido **Une mort très douce** (**Uma morte muito suave**), ensaio no qual Beauvoir narra os últimos dias de vida da sua mãe.

Escrever era, portanto, muitas vezes, uma forma de se compreender, de procurar se encontrar ou se reencontrar, e isto, geralmente, só é possível quando se acha um ponto de unidade, de coerência. Não estou pregando a essência do ser humano, nem que é possível descrever a vida como um todo coerente, estou dizendo que ao longo de suas autobiografias, Beauvoir buscava determinado fio condutor, alguma unidade que justificasse sua identidade, além de seu nome próprio. Não importa se esta atitude é questionável ou não, se ela é “executável”, o que interessa é a análise desta procura por uma suposta unidade, da qual não foge Beauvoir e que é comum a vários e vários autores de narrativas auto-referenciais, assim como a autores de biografias¹². O que nos interessa é a análise da invenção de determinada identidade construída histórica e socialmente, através do discurso autobiográfico¹³. O discurso autobiográfico é, pois, dotado de uma intencionalidade: o autor não escreve sobre si mesmo gratuitamente, ele quer transmitir uma mensagem, quer comunicar uma determinada trajetória através da sua autopercepção. Definindo a si, o autobiógrafo concomitantemente, elabora uma definição daquilo que ele não é.

O texto autobiográfico de Beauvoir foi utilizado como registro da alteridade, ao mesmo tempo em que foi registro da sua singularidade e exemplaridade como sujeito. O sujeito contemporâneo, expresso pelos preceitos existencialistas, diferentemente do sujeito moderno, compreende o outro não como um igual perene, que partilha de uma essência identitária comum a todos os humanos, mas como alguém fruto de uma historicidade, fruto da

¹² Cf. a este respeito BOURDIEU (1998)

¹³ Sobre discurso, ver o sentido que Jenkins atribui ao termo, o de que as idéias relacionam-se a interesses e poderes e não são naturais. (2004, pp. 109-110). Cf. também ALBUQUERQUE JÚNIOR (2007).

história, da sociedade, das contingências, da transitoriedade. Somos construídos não apenas por nós mesmos, mas pelos outros, por diferentes instantes, pelos acasos¹⁴. Somos construídos dinamicamente, em ato contínuo, cheios de permanências, de aspectos identitários que continuam se não os mesmos, ao menos semelhantes, e cheios também de rupturas e desvios.

Nas suas linhas autobiográficas, Beauvoir mostra sua historicidade: ao mesmo tempo em que nos descreve o seu tempo, o seu meio, sua especificidade, fala também da proximidade entre alguns de seus contemporâneos; ela se diferencia, se singulariza para apontar padrões de comportamento entre “os outros”, dos quais ela pretensamente escapou. A alteridade é investigada a fundo, relacionada que está à identidade escolhida e construída pela autobiógrafa existencialista:

Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens. Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser. (SARTRE, 1973, pp. 12-13)

Se existe uma identidade, é por que existe uma diferença, e a diferença se manifesta através da alteridade. O outro sempre foi uma questão importante para Beauvoir, assim como deixa claro na narrativa das suas memórias de criança e de adolescente (MJFR, 1988). Então, para se destacar como indivíduo, para destacar sua singularidade, para construir sua identidade, ela precisava expor, ao mesmo tempo, a alteridade. Inventando a si, inventava aos demais. O inferno existencial é provocado pelos outros: minha singularidade é denunciada por eles, muitas vezes, não apenas denunciada, mas criticada e desqualificada. Como já foi dito, esse Outro é representado, principalmente, pela crítica literária, pelos defensores dos valores machistas e conservadores. Como Beauvoir o representa? Com quais intenções? Representar o outro tem como uma das principais funções o conhecimento de si próprio, uma vez que o “eu” é feito pelos outros, como afirma Sartre: “a descoberta da minha intimidade descobre-me ao mesmo tempo o outro como uma liberdade posta em face de mim, que nada pensa, e nada quer senão a favor ou contra mim.” (1973, p. 22).

A tese que desenvolvo tem, portanto, três pilares para discussão do discurso autobiográfico de Simone de Beauvoir: individualismo, identidade e alteridade, que são também eixos do pensamento existencialista, do qual ela é, como já dissemos, uma das

¹⁴ Cf. LEOPOLDO E SILVA, 2004, pp. 44- 45.

principais porta-vozes. Busca-se compreender não somente a importância do indivíduo na contemporaneidade, mas da narrativa que o indivíduo constrói sobre si e sobre o seu tempo para o conhecimento da experiência humana pelas disciplinas sociais, destacando a percepção histórica na análise.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**; ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. **Mémoires d'une jeune fille rangée**. Paris: Gallimard, 1988.

_____. **Tout compte fait**. Paris: Gallimard, 1972.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, pp. 183 – 192.

DUMONT, Louis. **O individualismo**; uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Rocco. 1985.

GAY, Peter. **O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

LEJEUNE, Philippe. **L'autobiographie en France**. 2 ed. Paris: Armand-Colin, 2004.

_____. **Signes de vie**; le pacte autobiographique 2. Paris: Seuil, 2005.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Ética e literatura em Sartre**; ensaios introdutórios. São Paulo: UNESP, 2004.

MARCOU, Loïc. **L'autobiographie**; anthologie. Paris: Flammarion, 2001.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.

MIRAUX, Jean-Philippe. **L'autobiographie**; écriture de soi et sincérité. Paris: armand_Colin, 2005.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**; cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril cultural, 1973.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 1994.